

A estrada é sábia, ela nos leva

(...) nossa viagem vinha sendo guiada por uma escolha: pôr o pé na estrada e deixar que ela nos levasse. Aonde? Não sabíamos, não queríamos definir... a aventura por companhia, com a estrada a decisão sobre o nosso caminho, ela construiria o nosso destino, ela nos levaria. Iríamos ao seu sabor, sem ponto final, sem porto de chegada, abertos para o inesperado, o imprevisto, o desconhecido... *on the road, easy rider*. Resolvemos apenas que o nosso norte, dessa vez, seria o Norte mesmo – nem Sul, nem Leste ou Oeste. Queríamos ir para cima, para o alto, subir o Brasil. Escolhida a direção, o mapa nos mostrou, todavia, a imensidão de mais de um terço do nosso país pela frente – somente na Amazônia Legal mais de 5.000.000 de Km²! Onde iríamos naquele Norte gigantesco? Não importava, não precisávamos decidir – *Caminante, son tus huellas el camino e nada más. Caminante: no hay caminos, se hace camino ao andar...*¹ – “no es así”?

Tempo comprido e dinheiro curto, sonhos inteiros e bolsos quebrados, nosso único limite, marca ou referência: quando o dinheiro chegasse à metade, estaríamos no meio da viagem, hora de começarmos a voltar. E, como queríamos espichar ao máximo esse tempo, tínhamos que gastar, é claro, o mínimo na ida – assim, a metade da viagem nos alcançaria o mais longe possível, depois de termos andado muito. Um único horizonte vislumbrado, uma plataforma de onde nos lançaríamos de BH rumo Norte: Brasília. De lá pra frente o destino estaria por ser feito, estaria por fazer.

O pó levantado pelas botas dos estradeiros e dos caminheiros nesses recém-findos anos 60 ainda recheia e encanta o ar. Botas, aliás, que podem bem simbolizar as contradições desse nosso tempo, bonito e sofrido, colorido e triste, mágico e trágico. De um lado, as que caminharam as passeatas, que participaram dos movimentos estudantis, operários e camponeses, as que ergueram as barricadas de maio de 68, que fermentaram a contracultura, as botas *hippies*, que

¹ Antônio Machado.

trouxeram uma nuvem de paz, de amor, de sonhos e deixaram em seus calcanhares muitas saudades: os festivais – Arembepe, Woodstock... –, Janis Joplin, Jimi Hendrix, os Beatles, as comunidades... E, de outro lado, as botas militares, que, com o golpe de 64, pisaram a esperança, esmagaram as flores, feriram de morte tantos companheiros e fizeram por adiar a realização de todo um enorme desejo de justiça e igualdade social – essas causaram um vendaval, uma tempestade e deixaram em seu calcanhar um rastro de terror e de sangue.

Mas nossas botas são de paz e as calçamos mais uma vez... prontas para construir nossos caminhos, para fazer a nossa história, ansiosas para a viagem da estrada, para a aventura da vida...

Extraído do livro: *Tawé, Nação Munduruku – Uma aventura na Amazônia*
Autor: Walter Andrade Parreira
(cap. 1 – ‘Pé na estrada’ – pág. 22)